

FREUD E A EDUCAÇÃO: articulações sobre o impossível*Ana Tereza Vasques¹**Bruno Fiuza Franco²*

RESUMO: O presente trabalho busca articular psicanálise e educação a partir do conceito de inconsciente e da afirmação freudiana de que educar é impossível. Dessa maneira, o conceito de inconsciente na sua particularidade psicanalítica se desdobra em consequências para o processo educativo, impossibilitando que o planejamento e a execução da educação se reduzem a um processo consciente e racional. Assim sendo, vários processos inconscientes permeiam a prática educativa, como a transferência e a sublimação. A educação então, seria efeito de um processo transferencial que se inicia com a busca infantil pela diferença entre os sexos, que constrói uma pulsão de saber. Da mesma forma, a educação, como processo social, seria uma forma de criar caminhos socialmente aceitos para as satisfações pulsionais que não podem ter descarga sem mediação. Nesse sentido, educar seria, entre outras coisas, criar mecanismos de sublimação. Embora Freud aponte uma impossibilidade de educar, isso não significa, assim sendo, que não aconteça nenhuma aprendizagem educacional, mas que o inconsciente é fator determinante para esse acontecimento, e como tal, não pode ser predito.

Palavras-chave: Educação. Psicanálise. Inconsciente. Impossibilidade.

ABSTRACT: This paper seeks to articulate psychoanalysis and education based on the concept of the unconscious and the freudian statement that educating is impossible. In this way, the concept of the unconscious in its psychoanalytic particularity unfolds in consequences for the educational process, making it impossible for the planning and execution of education to be reduced to a conscious and rational process. Therefore, several unconscious processes are involved in educational practice, such as transference and sublimation. Education, then, would be the effect of a transference process that begins with the child's search for the difference between the sexes, which builds a drive for knowledge. Likewise, education, as a social process, would be a way of creating socially accepted paths to drive satisfactions that cannot be discharged without mediation.

¹ Ana Tereza Vasques é professora mestre do Centro Universitário Alfredo Nasser, psicanalista, mestre em Neurociências do Comportamento e membro do NIEPPSI. Contato: anatereza@unifan.edu.br

² Bruno Fiuza Franco é professor mestre do Centro Universitário Alfredo Nasser, com formação em Psicologia, pós-graduação em Psicologia dos Processos Educativos e Mestrado em Psicologia é membro do NIEPPSI. Contato: brunofiuza@unifan.edu.br

In this sense, educating would, among other things, create sublimation mechanisms. Although Freud points out an impossibility to educate, this doesn't mean, therefore, that no educational learning happens, but that the unconscious is a determining factor for this event, and as such, it can't be predicted.

Keywords: Education. Psychoanalysis. Unconscious. Impossibility.

1- INTRODUÇÃO

Mesmo após mais de um século da psicanálise no mundo, ainda é possível articular suas descobertas específicas com outras áreas de conhecimento. Uma ciência que se debruça sobre a singularidade sempre pode produzir algo de novo, como é o caso da psicanálise. O presente texto, que busca articular a visão freudiana de educação com os conceitos da teoria psicanalítica não intenta ignorar o extenso debate anterior dessa discussão, mas produzir, a partir das leituras dos presentes autores, algo inédito, não porque inaugural, mas porque leitura, escrita e interpretações serão marcadas pelo estilo da autoria. A própria temática e o caminho tomado para abordá-la dão prova de que existe uma particularidade em jogo.

O interesse da articulação entre psicanálise e educação se deu a partir da leitura da afirmação, à primeira vista tão peremptória, de Freud apontando para a impossibilidade da educação. Em uma leitura superficial esse apontamento pode indicar um fracasso de qualquer processo educativo, propondo mais uma vez a falência do campo educativo. Na sua radicalidade essa afirmação comporta múltiplas leituras, (BIRMAN, 2001). Entretanto, Freud apontando para a impossibilidade da educação gera a possibilidade de se pensar o próprio processo educativo como um todo.

A educação é um campo aberto a diferentes saberes, (BIRMAN, 2001). Essa multiplicidade de diálogos contribui para a educação problematizar e repensar seu objeto. A própria condição de existência desse campo comporta a produção de sentidos trazidos por outras áreas. As diversas ciências sobre o psíquico se encontram em particular conexão com esse campo na medida mesma

em que estes se debruçam sobre a subjetividade e a educação é um campo constitutivo desta, (BIRMAN, 2001).

Se como nos diz Birman (2001, p.11) “(...) a subjetividade é, inequivocamente uma das matérias primas do campo da educação, sendo em torno dela que os operadores e engrenagens deste campo giram com suas práticas e seus propósitos”, a psicanálise, como um campo que se debruça de forma radical sobre a subjetividade guarda profundas contribuições ao campo educacional. Ao considerar a prática educacional como elemento formativo de uma subjetividade, pensar sobre essa prática é pensar que tipo de sujeito almeja-se construir. A psicanálise que propõe a subjetividade na sua relação intrínseca com o outro, pode contribuir à educação na construção de um sujeito aberto ao campo da alteridade, (VOLTONI, 2011).

Não por acaso Freud estende a impossibilidade para a educação e para a psicanálise justamente porque o que está em jogo em ambas é o funcionamento a partir do subjetivo. Este, fundando pelo inconsciente está à revelia de qualquer prática, disciplinar ou curativa. Na medida, portanto, que ambas pretendem se debruçar sobre o sujeito, ambas “se defrontam com o impossível”, (BIRMAN, 2001, p. 14).

O trabalho se apresenta como um resgate bibliográfico do caminho de construção de um conceito particular de inconsciente, que é aquele apresentando por Freud (FREUD, 1912) e como, necessariamente, pode-se desdobrá-lo em seu campo na cultura. Nesse sentido, a educação como um fenômeno social é fundamental na articulação indivíduo e sociedade. Portanto, o presente trabalho apresenta como metodologia a pesquisa bibliográfica, que busca reconstituir um caminho de construção teórico-conceitual na obra freudiana.

Ao tentar articular ambos os campos, se privilegiaram dois conceitos como chave de análise. O primeiro é o conceito freudiano de inconsciente. Para tanto, buscou-se embasar o desenvolvimento teórico, sobretudo em Freud e em seu leitor, o psicanalista Luiz Alfredo Garcia-Rosa. A escolha desses autores foi devido a impossibilidade de se construir qualquer explanação sobre o desenvolvimento do conceito de inconsciente, fundado por Freud, sem passar, necessariamente por seus textos. Garcia-Rosa, por sua vez, foi trazido pelo rigor

teórico com que faz a leitura do cânone freudiano e por uma carga particular de transferência com seus escritos.

Na construção teórica sobre o inconsciente é trazido o texto *O mal-estar na civilização* (FREUD, 1929), como tentativa de demonstrar a continuidade contida na teoria freudiana entre os conceitos de indivíduo e cultura. Não se pretende com isso suplantando os dois conceitos como se fossem um só, mas, na medida em que se diferenciam, se aproximam. Dessa forma, ao se referir ao inconsciente freudiano como conceito norteador do trabalho pode-se pensar que este não é somente individual, mas se relaciona dialeticamente à cultura.

Em um segundo momento se trabalhará a afirmação freudiana de impossibilidade da educação, entrelaçando a relação entre psicanálise e educação, (FREUD, 1925). É importante ressaltar que ao trazermos à tona esse tema, é necessário evidenciar também os limites e as possibilidades desse diálogo. Foram utilizados psicanalistas leitores de Freud que, a partir das coordenadas teóricas freudianas, mais aprofundadamente, pensaram a relação entre esses dois campos. Tentou-se ao longo do capítulo manter a autenticidade e legitimidade de ambos os campos, sem que a importância de um se sobreponha aos interesses do outro.

Por fim, nas considerações finais pretendeu-se dar um fim às ideias presentes nos dois capítulos predecessores, sem, contudo, se apresentar como um fechamento. Embora apresentando um caráter de síntese essa seção pretende propor mais questões do que respostas propriamente dita.

2. SOBRE O INCONSCIENTE FREUDIANO: UMA SÍNTESE

Mesmo sendo ao longo de sua história questionada pelas mais diversas áreas do conhecimento, a psicanálise ainda demonstra ter vitalidade e se encontra consolidada na cultura como um campo de conhecimento, (ZIZEK, 2006). A suas teses principais ainda continuam a produzir estudos e questionamentos. Segundo Garcia-Roza (1984, p.23) "(...) a psicanálise (...) se constituiu como uma das práticas mais eficazes de escuta do discurso individual". É possível apreender algumas consequências dessa afirmação. Por um lado, tem-se o fundamento primordial da psicanálise, qual seja, a escuta enquanto

possibilidade de construção do seu conhecimento. Dessa forma, fica-se evidente o espaço da clínica enquanto privilegiado para a prática psicanalítica. Não por acaso a psicanálise nasce da prática clínica e a ela retorna sempre para efetivar suas construções teóricas. Há, porém, outra dimensão do que se pode entender por escuta. As leituras de Freud dos fenômenos sociais, como a arte, também são uma forma de escuta e, portanto, são locais que também forneceram elementos para a construção da teoria psicanalítica.

Outra consequência lógica a ser retirada da afirmação e reiterada pelo autor é que a psicanálise é uma ciência que surge na modernidade.

O surgimento da psicanálise é contemporâneo ao surgimento do homem, e este só surgiu com o desenvolvimento da economia capitalista e sua exigência de controle de corpos e desejos, (GARCIA-ROZA, 1984, p. 10).

A sua emergência, portanto, se dá em um contexto social específico. Esse fato não significa, porém, que ela vai somente responder aos problemas do seu tempo histórico. Pelo contrário, tanto enquanto prática, a intenção não é produzir uma clínica voltada para a adaptação do sujeito às suas condições de vida, quanto enquanto teoria ela não almeja sustentar um discurso científico que corrobore com os elementos de exclusão presentes na sociedade moderna.

Se até então a concepção de sujeito iguala este à consciência, a psicanálise vem trazer a tona justamente o sujeito fendido, marcado por um desconhecimento, (GARCIA-ROZA, 1984). É sobre esse descompasso entre o sujeito e a consciência que a psicanálise se funda, como uma ciência que busca investigar o estatuto daquilo a que se chama de inconsciente.

A ciência pré-freudiana já se ocupava do conceito de inconsciente, (GARCIA-ROZA, 1984). Não à toa, na história do movimento psicanalítico percebe-se algumas influências que a cena científica contemporânea à Freud teve em seu pensamento. A viagem à Paris para conhecer Charcot e o contato direto com o médico vienense Breuer, são fundamentais para o entendimento da construção da psicanálise. Entretanto, é possível perceber a marca da teorização freudiana sobre esse conceito que produz uma nova compreensão sobre os fenômenos inconscientes, na comparação com o que se conhecia até então, (GARCIA-ROZA, 1995). Esse conceito, porém, não é estático e sofre algumas alterações no decorrer da teoria de Freud. Reforçando sempre que a existência

do inconsciente não é teórica, mas empírica, como uma evidência que emana da clínica psicanalítica, sendo a teoria psicanalítica uma tentativa de elaboração desses fatos clínicos pelo autor.

Essa existência clínica não implica que somente ali seus efeitos se façam perceber. Como a marca do sujeito da psicanálise é justamente esse sujeito fendido, (GARCIA-ROZA, 1984), todas as produções humanas carregam a marca dessa divisão inconsciente. É possível perceber, como o fez Freud ao longo de sua obra, os efeitos do inconsciente nos elementos da cultura. Assim sendo, no arcabouço bibliográfico freudiano há diversas obras que tratam de temas culturais. Entretanto, essas obras ao se debruçarem sobre esses fenômenos carregam elementos da prática clínica, assim como os textos que tratam explicitamente da clínica de forma complementar, dizem respeito à cultura. Assim sendo, é possível, entender, portanto, a afirmação freudiana de que em psicanálise, pesquisa, prática e teoria avançam sempre juntos, (FREUD, 1925).

Dessa forma, o conceito de inconsciente atravessa toda a obra freudiana. Desde 1900 com “A interpretação dos sonhos” até a sua última obra é possível perceber que ele está se havendo e reafirmando a posição angular do conceito de inconsciente para a teoria psicanalítica, (GARCIA-ROZA,1984). O psicanalista Luiz Alberto Hanns (2006) na introdução que faz da nova tradução brasileira do texto “O inconsciente” de Freud (1915, p.14) explicita que

O conceito segundo o qual existem processos mentais inconscientes é, naturalmente, fundamental para a teoria psicanalítica. Freud nunca se cansou de insistir nos argumentos que o apoiam e de combater as objeções levantadas contra ele. Na verdade, até mesmo a última parte não concluída de seus escritos teóricos (...), constituiu uma nova justificação desse conceito.

Essa defesa freudiana sobre o qual se erigiu toda a possibilidade de existência da própria psicanálise demonstra a centralidade que este conceito carrega dentro da teoria psicanalítica. Assim, embora sofra reformulações durante a sua obra em nenhum momento na construção da psicanálise Freud renuncia a ideia de que o sujeito é marcado pela emergência do inconsciente, (GARCIA-ROZA, 1995).

Se o inconsciente já frequentava os anais da ciência moderna até Freud, há uma marca distintiva que pode ser estabelecida entre o que era tratado como inconsciente e o que passou a abarcar esse conceito desde então. Essa distinção

pode ser feita frisando aquilo que o conceito de inconsciente freudiano não é. Antes da psicanálise os processos mentais inconscientes eram entendidos meramente como um subproduto da consciência, como algo obscuro e estando à franja do processo cognitivo de consciência. As manifestações inconscientes eram consideradas erros, falhas sem sentido.

Segundo Garcia-Roza (1995) “O termo ‘inconsciente’ era empregado de forma puramente adjetiva para designar aquilo que não era consciente, nunca para designar um sistema psíquico autônomo e regido por leis próprias” (p. 209). A significação do inconsciente era a de um sistema inferior, sem qualidades que o distinguiam da consciência a não ser pelo fato de não estar sobre a luz desta. Outra compreensão que permeava os fenômenos inconscientes era a de que eles não tinham sentido, irracional. Eram elementos que não poderiam aceder a nenhum estudo científico já que era o *locus* do inefável, do que a razão não tinha nenhum acesso, aquilo ao qual o conhecimento não podia se debruçar.

Freud vai se opor a essas duas concepções, (GARCIA-ROZA, 1995). O inconsciente, embora em um primeiro momento possa parecer alógico, funciona por leis próprias, quais sejam os processos primário, condensação e deslocamento, além de comportar a contradição e ser atemporal (FREUD, 1912). É nesse sentido que o funcionamento de consciência e inconsciência se difere.

O inconsciente também possui uma forma lógica de manifestar. Segundo Garcia-Roza (1995, p. 209) “(...) Freud declara enfaticamente que nada há de arbitrário nos acontecimentos psíquicos, sejam eles conscientes ou inconscientes”. Essa compreensão freudiana não é, porém, uma elucubração, mas advém de uma manifestação cotidiana, qual seja, o sonho. Se os conteúdos que advém do inconsciente no sonho fossem sem sentido não haveria motivo para que a consciência os deformasse, (FREUD, 1900). É através da escuta dos sonhos, entre outras manifestações do inconsciente, que Freud pôde dizer sobre o próprio conceito.

A consequência lógica de se compreender o inconsciente como portador de uma lógica é a mudança ontológica que ele assumirá na psicanálise em relação às outras ciências. Se ele tem o seu *modus operandi*, se torna incorreto dar ao inconsciente o estatuto de uma instância abaixo da consciência. Assim sendo, o inconsciente vai ser elevado a um patamar superior da vida psíquica dos

sujeitos, (GARCIA-ROZA, 1984). Estes serão marcados, inclusive nos atos conscientes por essa instância que, por querer se manifestar a qualquer custo, produzirá efeitos na vida subjetiva.

No início do atendimento as suas pacientes, Freud percebe que há um funcionamento outro que marca a fundação e a manutenção dos sintomas delas. Inicialmente era a hipnose que era empregada por Freud para o tratamento das chamadas doenças nervosas. Esse método vinha de uma tradição que propunha que somente a influência do médico seria capaz de gerar mudanças significativas no paciente, sendo capaz, inclusive de curar sintomas psíquicos, (GARCIA-ROZA, 1984).

Ao iniciar sua clínica com esse método Freud se depara com dois empecilhos. Primeiro era a dificuldade de alguns pacientes entrarem em contato com esse método, o que lhe impossibilitava o acesso ao tratamento. Havia também, após algum tempo, o retorno dos sintomas que haviam sido eliminados por esse método. Isso significava que a mera rememoração dos fenômenos traumáticos que deram origem aos sintomas não era suficiente para a eliminação destes últimos. Desse modo, ele passa a abandonar o método hipnótico, pois ele já não era mais capaz de lidar com as demandas que advinham da clínica.

O abandono do método hipnótico se justifica pela compreensão própria daquilo que Freud passou a entender sobre o inconsciente. O papel da hipnose era fazer com que os pacientes retomassem a consciência elementos traumáticos esquecidos durante a vida. Havia uma compreensão sobre os sintomas inerente a esse método. Esses eram causados por um esquecimento dos fatos que o geraram. Assim, a rememoração trazia à consciência esses acontecimentos traumáticos e a energia que gerou os sintomas seria descarregada. O objetivo era essa descarga já que após o fim da hipnose o paciente não se recordava daquilo que tinha sido feito durante o tratamento. Havia uma compreensão dicotômica do que seriam os pensamentos conscientes e pensamentos inconscientes e que se contrapunham àquilo que Freud estava conseguindo apreender da sua clínica, (ROUDINESCO, 2016).

Para ele essas duas instâncias não eram separadas, mas viviam em conflito. O inconsciente, por um lado seria o reduto dos elementos insuportáveis

ao sujeito, que causariam desprazer no seu sistema psíquico e que, por isso, deveriam estar apartados da consciência. Entretanto, esses elementos, dotados de energia, tentariam constantemente advir à consciência, sendo que há um conflito permanente entre essas duas instâncias na vida psíquica. A barreira entre eles, entretanto, não são impermeáveis, havendo, também intromissões no sistema consciente desses elementos inconscientes. Dessa forma, é que há formações do inconsciente e possibilidade de vislumbrá-los.

O método hipnótico, porém, foi fundamental para a construção de uma futura clínica psicanalítica. Foi a partir dele que Freud foi capaz de perceber a força da atuação de representações inconsciente, muito embora nesse momento a sua compreensão estivesse nascente na teoria freudiana. Se o paciente era capaz de executar uma ordem dada no estado hipnótico dado pelo hipnotizador é porque, mesmo essa ordem não estando na sua consciência ela ainda produzia efeitos sendo inconsciente. Nas palavras de Freud (1912, p.84)

É praticamente impossível descrever esse fenômeno de outro modo a não ser dizendo que aquela intenção estava disponível de forma *latente* ou *inconsciente* na psique e se tornou consciente assim que o momento determinado chegou.

Ao escutar suas pacientes Freud, entretanto, percebeu que havia algo que essa forma de tratamento não conseguia abarcar. O inconsciente ainda permanecia com um significado latente de algo que está fora da consciência. A passagem dessa compreensão adjetiva do inconsciente para uma forma mais complexa que está na base da teoria psicanalítica, se dá pelo questionamento do método hipnótico. Observando esses experimentos ele percebe que algo a mais está em jogo. Ainda segundo Freud (1912, p. 84) “(...) podemos apreender mais com um experimento desse tipo. Ele nos leva de uma visão puramente descritiva para uma visão dinâmica do fenômeno”.

É no tratamento de suas pacientes que há uma estruturação daquilo que viria a ser o método psicanalítico por excelência, a associação livre, levando ao abandono da hipnose. Após uma injunção de uma paciente pedindo para que Freud a deixasse falar, ele percebe que qualquer tratamento possível às mazelas que assolavam suas pacientes, seria pela fala que ele conseguiria tocar os conflitos e lembranças inconscientes, que se manifestavam através dos sintomas

das suas pacientes. Essa seria, portanto, a essência da associação livre, que o paciente fale aquilo que vier a sua mente sem se preocupar com questões de sentido.

Essa compreensão de inconsciente é inédita, (GARCIA-ROZA, 1984). A primazia da consciência, cuja tradição filosófica moderna elegeu como o representante daquilo que era o humano por excelência, foi colocada em cheque. Há um outro sistema psíquico a que o sujeito não tem acesso conscientemente e que determina na sua vida de modo tão ou mais decisiva que a própria consciência. Essa compreensão freudiana, de um sujeito governado pelo inconsciente do que dono de si em sua própria casa consciente encontrou a mais fervorosa resistência nos mais diversos âmbitos do conhecimento, (ZIZEK, 2006).

Em um texto sobre o assunto, “O inconsciente” de 1915, que faz parte do seu conjunto de artigos chamados de metapsicológicos, que abarca os conceitos mais importantes da teoria psicanalítica, Freud explana a sua definição conceitual, (GARCIA-ROZA, 1995).

Embora um texto sobretudo clínico ele é de uma importância ímpar em qualquer estudo que se toque na compreensão psicanalítica dos fenômenos inconscientes. Ele visa dar uma síntese do que considerava o mais importante da sua teoria, (GARCIA-ROZA, 1995). É estabelecido ao longo do texto as três formas que se pode, dentro da própria Psicanálise, compreender como se manifesta nos sujeitos os fenômenos inconscientes. Pode-se compreender o inconsciente como tópico, ou seja, como a ideia se encontra em relação à consciência, de forma econômica, da forma como as manifestações inconscientes entram na lógica da economia libidinal do sujeito, que o leva a ganhos e perdas, e, por fim, a forma dinâmica, que é como as manifestações inconscientes têm a sua própria lógica, (FREUD, 1915).

As consequências clínicas desse texto são irrefutáveis. O que está em jogo, entretanto, é a própria compreensão freudiana de inconsciente que perdurará e atingirá o campo social, ou seja, àquilo que é dialético ao indivíduo. Não por acaso Freud se debruçará sobre os mais diversos campos da manifestação do humano, como a arte, a sociedade e a educação. As consequências do impacto da compreensão freudiana de sujeito no âmbito social encontrarão suas formas mais acabadas nos seus textos chamados de culturais.

Há uma clara preocupação de fortalecer a importância da psicanálise como uma forma de leitura do campo social. Entretanto, é importante sempre ressaltar que aquilo que é social é ao mesmo tempo íntimo, e aquilo que é considerado o mais íntimo está em relação direta com o que se considera social. É a partir dessa compreensão que se pode tirar efeitos de como a Psicanálise apreende o sujeito e de como isso resvala no campo educacional. É no bojo da teorização de Freud sobre o funcionamento psíquico individual que se podem extrair as implicações mais radicais para a educação.

Para adentrar a esse campo tão movediço, uma vez que o próprio Freud não dedicou nenhum texto exclusivamente à educação, mas que, por isso mesmo, pode ser apreendido por toda a sua teoria, é necessário ir aos textos mais canônicos dessa questão. Entre eles o seu texto “Mal-estar na civilização” (1929) apresenta uma importante contribuição de sua visão sobre a educação.

Escrito em 1929, a constituição da civilização e suas consequências individuais são o ponto principal de interesse de Freud. Aliado a outros textos, como o de “Totem e tabu” de 1913, onde o interesse pela fundação da sociedade ligado ao complexo de Édipo, o texto sobre a religião “O futuro de uma ilusão” de 1927, entre outros, esse texto entra em um conjunto de obras freudianas de cunho cultural. Essa preponderância não exclui, porém, o interesse tanto clínico desses textos, como o prolongamento de suas teses para outros temas de interesse que não estão presentes de forma explícita nessas obras. Dessa forma, fica mais uma vez evidente a assertiva freudiana que está presente em alguns momentos de sua obra que afirma que o método da psicanálise comporta a um só tempo o interesse clínico, a pesquisa teórica e a pesquisa, (FREUD, 1925). Paralelamente, dos textos estritamente clínicos, como os metapsicológicos, que são o conjunto de artigos que Freud escreveu para sintetizar os principais conceitos de sua obra (GARCIA-ROZA, 1995), é possível retirar consequências deles para além de uma psicologia individual.

Na leitura do texto “O mal-estar na civilização” de 1929, percebemos uma oscilação de Freud entre uma leitura mais ampla do fenômeno de socialização do indivíduo, ou seja, uma pesquisa de caráter abrangente sobre o fenômeno da sociedade no conjunto abstrato de indivíduos, ora de como essa os mecanismos

sociais são internalizados pelo indivíduo, pela formação do supereu, por exemplo, (FREUD, 1929).

A tese que Freud dá sustentação ao texto é que a relação entre indivíduo e sociedade é, na sua origem, uma relação desarmônica, ou seja, não há unidade de interesse entre o indivíduo e a sociedade. Pelo lado do individual, há uma intensa renúncia pulsional exigida pela vida em sociedade. Assim, para que o sujeito possa adentrar na sociedade é preciso que ele recalque uma parte significativa das suas pulsões em troca de estabelecer uma ligação com os outros indivíduos, sendo condição para a própria existência pois sozinho suas chances de sobrevivência são limitadas (FREUD, 1929). Há, uma abdicação, portanto, de uma parte de si na espera de que a vida em sociedade possa oferecer ao sujeito formas mais seguras de sobrevivência, além de meios adequados de satisfação de seus desejos. Entretanto, o que Freud demonstra é justamente que a civilização não é capaz de compensar uma renúncia tão grande como aquela que o sujeito faz.

Vale ressaltar que o funcionamento pulsional do sujeito é, ele mesmo uma marca desse processo civilizador. Na busca por esta passagem que marca uma diferença entre o animal e o humano, a hipótese freudiana é que esse momento mítico da história da humanidade se deu na passagem da quadripedia à bipedia, (FREUD, 1929).

É nesse texto que Freud faz a referência a esse processo histórico da civilização. Ai ele afirma:

O processo fatídico da civilização ter-se-ia assim estabelecido com a adoção pelo homem de uma postura ereta. A partir desse ponto, a cadeia de acontecimentos teria prosseguido (...) para o limiar da civilização (p. 105).

Ele propõe, portanto, uma marca fundamentalmente pulsional ao advento da civilização, qual seja a força constante da pulsão. Uma vez que afastados os narizes do chão, o cheiro não é mais organizador da sexualidade, mas sim o olhar. Dessa forma, de cíclica a sexualidade humana passaria a estar sempre a disposição já que a exposição genital é constante. Mais do que um fato biológico, Freud demonstra que é em uma perda, qual seja a do fator cíclico, que a sexualidade se constrói. É na ausência de fins pré-determinados geneticamente,

ou na perda de uma orientação qualquer que o humano passa a existir enquanto tal, ou seja, enquanto sexual.

Concatenando essa tese, há aí uma afirmação sobre o que seria o processo educacional. A perda da sensibilidade olfativa, mais do que um fato orgânico, acabou por excluir da naturalidade da espécie o que diz respeito a sua escatologia, como a fezes e a urina, devido ao odor característico que os excrementos emanam, (FREUD, 1929). Assim todos os excrementos produzidos pelo homem, elementos que ligam a espécie humana à natureza, foram recalçados justamente por se ligarem ao escatológico, sendo percebidos com desprezo, pois está ligada àquilo que se recalçou na história da espécie.

Ao tratar de como as crianças lidam com os seus excrementos em comparação à evolução da humanidade, Freud defende que é com o avançar do processo civilizatório na história individual que as crianças encaram seus produtos, como fezes e urina, com nojo:

(...) a educação insiste com especial energia (...) [naquilo que] tornará as excreções desvalorizadas, repugnantes, odiosas e abomináveis. Essa inversão de valores dificilmente seria possível, se as substâncias expelidas do corpo não fossem condenadas, por seus intensos odores a partilhar do destino acometido aos estímulos olfativos depois que o homem adotou a postura ereta, (FREUD, 1929, p. 106).

Nesse sentido, a educação teria o efeito de introduzir a criança naquilo que se caracteriza como humano, ou seja, afastá-lo de um estado de natureza, que, entretanto, já está perdido. Porém, se há nesse trecho uma hipótese do papel da educação por parte de Freud, esta não se apresenta uma no corpo teórico da psicanálise. Em diversos textos ele alude ao papel da civilização no processo educacional.

Se a educação é parte necessária para o processo de socialização há, outrossim, um limite à efetivação desse processo. A teoria freudiana não comporta a possibilidade de o inconsciente ser todo domado por qualquer processo de conscientização deste. Por mais que no decorrer do processo civilizatório haja um afastamento do humano do estado de natureza a educação não consegue aplacar a totalidade dos processos inconscientes

3. A EDUCAÇÃO COMO UMA IMPOSSIBILIDADE

A compreensão da obra freudiana comporta contradições. No decorrer do desenvolvimento de sua teoria certas ideias vão se modificando e outras questões vão tomando o lugar central. Como nos diz a psicanalista Kupfer (2001, p.47) “(...) há sempre um mas no pensamento de Freud(...)”. Significa, portanto, que uma certa compreensão sobre um determinado fenômeno está sempre aberta à reconstrução.

A educação enquanto tema de interesse de Freud não foge a essa regra. No início de sua teorização pode-se apreender que, concomitante as suas descobertas e construções teóricas, havia uma concepção do que seria o papel da educação. Entre as descobertas da psicanálise está a descoberta da sexualidade infantil. Cabe ressaltar que Freud amplia a compreensão sobre o que seria nomeado como sexual. Se, por um lado sexual comporta a cópula, ou seja, o ato sexual, por outro ele não se resume a isso, (KUPFER, 2001). Nesse sentido pode-se compreender como sexual qualquer ato gerador de prazer relacionado tanto ao contato com o próprio corpo quanto o contato com o outro. Assim, como nos lembra Kupfer (2001, p. 39) “A amamentação, nesse sentido, é entendida já como uma experiência sexual, geradora de prazer para a criança que suga e até mesmo para a mãe que amamenta”. Essa concepção de sexualidade, porém, sofrerá alterações na obra freudiana a partir da sua clínica.

No decorrer dos seus atendimentos Freud descobre que há um traumático que está intimamente ligado ao surgimento dos sintomas neuróticos que lhe apareciam na clínica. Num processo de arqueologia ele busca descamar as lembranças para buscar a origem do evento traumático gerador da sintomatologia, (KUPFER, 2001). Marca distintiva da compreensão que se tinha à época dos sintomas, Freud não estava preocupado em fazer este sumir mas sim buscava compreendê-lo. Assim, no dizer de Kupfer (2001, p. 34):

Todo esse desfile de sintomas foi encarado e avaliado por Freud de um modo peculiar, inteiramente dissonante do modo como eram tratados pela Medicina da época. Pois, se a um médico ocorreria pensar sobre as maneiras de eliminar um sintoma, a Freud ocorria sobretudo observar, analisar e encontrar suas origens

Essa escuta acurada da clínica faz com que Freud perceba que na origem de todo o trauma gerador de um sintoma está um evento sexual. Esse fato fez com que em um primeiro momento ele acreditasse que de fato os fatos relatados por suas pacientes tivessem acontecidos na realidade. Essa compreensão coaduna com uma certa compreensão de sexualidade ligada ao prazer. Assim, o traumático seria um elemento vindo de fora e que o sujeito seria incapaz de lidar. Nesse sentido as coordenadas do projeto de educação propostas nesse momento por Freud se ligam à sua compreensão de sexualidade. Isso significa que a educação conseguiria, por meios adequados, fazer uma profilaxia do traumático, ou seja, a educação seria capaz de fazer com o que o sujeito se tornasse mais livre.

Por esse viés os problemas patológicos dos sujeitos estariam ligados a um excessivo recalque posto pela cultura via educação. Nesse sentido Voltoni (2011) nos diz “Em vez de concluir pela inevitabilidade do recalque, Freud optará por enveredar pela denúncia da impotência de uma educação repressiva na consecução de seus fins” (p. 15). Essa compreensão não resistirá à prova do tempo na teoria freudiana.

Ao perceber que as cenas descritas na sua clínica não eram relatos da realidade mas construções fantasísticas das pacientes, Freud passa a perceber que a sexualidade é, ela mesma, traumática, (KUPFER, 2001). Essa mudança na compreensão do sexual faz com que haja uma virada no pensamento freudiano sobre a educação. Se, em um primeiro momento, Freud podia crer que um excesso de repressão por parte da sociedade via educação era um fator que fomentava o surgimento das neuroses, essa oposição entre educação e sexualidade não encaixa mais no arcabouço teórico da psicanálise. Discutindo sobre essa primeira compreensão freudiana Kupfer (2001, p. 36), diz “Ao que tudo indica, é a moral, transmitida pela Educação, que incute no indivíduo as noções de pecado e de vergonha que ele deve, necessariamente, ter diante das práticas sexuais”.

A moral sexual e civilizada não é o elemento que reprime mas ela coaduna com as tendências do próprio indivíduo de frear a livre manifestação da sexualidade, que causaria mais desprazer que prazer. No dizer de Kupfer (2001, p. 37)

Freud se dá conta de que há, no interior da própria sexualidade, um desprazer – e é este desprazer que dá força à moralidade e não o contrário. As forças morais não vêm de encontro às tendências do indivíduo – no sentido de que se chocam contra elas – mas vão ao encontro dessas tendências – no sentido de que trabalham junto a elas, em comunhão de interesses.

Essa nova compreensão comporta uma originalidade inédita e que vai impactar os rumos que Freud pensará a educação. Se, antes a profilaxia para a neurose se encontrava na educação essa ilusão não se sustentará mais, (KUPFER, 2001). Freud abandona assim um ideal educacional e se propõe a pensar a educação enquanto prática, ou seja, abandona-se o que deveria ser e passa-se a pensar sobre o que a educação realmente é, (VOLTONI, 2011).

Com as investigações sobre a sexualidade infantil Freud propõe que a sexualidade se dá de forma perversa, ou seja, sem um fim genital definido. Cabe ressaltar que a palavra perversão vai ocupar um local próprio no glossário da psicanálise. Ela não se liga mais a um caráter de maldade e do moralmente errado mas sim a conotação de um desvio, de uma outra forma de funcionamento. Dizer que a sexualidade humana é perversa é constatar que ela se desvia do fim reprodutivo e que ela encontra outras formas de satisfação. No dizer de Kupfer (2001)

Freud descobre que, no decorrer da constituição dos seres humanos, estão presentes práticas de natureza perversa, que sucumbirão mais tarde à repressão e terão que se submeter ao domínio das práticas genitais (p. 40).

A organização genital é, portanto, tardia e procura formar uma síntese que não ocorre uma vez que, por mais que haja repressão, pelo funcionamento próprio da pulsão, há sempre algo que escapa. É dessa forma que, mesmo não atendendo nenhuma criança diretamente, Freud foi capaz de falar sobre a sexualidade infantil, uma vez que ela subsiste na sexualidade da vida adulta. Milot (2001, p.39) aponta que “A experiência psicanalítica revelou o pluralismo dos componentes da sexualidade e sua origem infantil”.

A sexualidade infantil comporta, portanto, a capacidade de ser menos presa ao imperativo da sexualidade, uma vez que a repressão, elemento que possibilita esse direcionamento, embora presente ainda não se consolidou de forma completa.

Os efeitos da teoria das pulsões, ou seja, a transformação causada pela bipedia, que afasta o indivíduo do mundo natural, atingiu todas as áreas da psicanálise. Não seria diferente com a educação. Segundo Kupfer (2001, p. 41)

Dessa característica errática das pulsões, decorre uma constatação relevante, sobretudo para estabelecer relações entre os estudos de Freud e a Educação. Se a pulsão sexual não possui qualquer das fixações do instinto, se o objeto pelo qual se satisfaz lhe é indiferente (...), se ele é intercambiável. Se seu objetivo pode ser atingido pelas mais diversas vias, e é desviante por natureza, errática, portanto, de certo modo, a pulsão sexual é então capaz de enveredar por caminho socialmente úteis.

Dessa forma há uma aproximação entre o campo educacional e o conceito de sublimação. Entende-se por sublimação como um desvio do objetivo sexual da pulsão para realizações socialmente valoradas, (KUPFER, 2001). Cabe ressaltar que esse foi um conceito pouco desenvolvido na obra freudiana, estando o seu sentido mais indicado do que descrito. Há aí, uma contradição já que a energia pulsional é, por excelência, a libido, ou seja, tem natureza sexual. Entretanto, embora se utilize dessa energia a pulsão consegue, através de um desvio possibilitado pela sociedade, a construção de objetos que a sociedade valoriza, como a arte e a ciência.

A aproximação entre sublimação e educação está proposta no próprio Freud. Millot (1987) em uma tentativa de aproximação entre Freud e a pedagogia, o afasta de qualquer tradição pedagógica negativista, ou seja, de qualquer concepção que diga de uma natureza má da criança. Segundo ela, Freud ao propor a sublimação não pode mais ser classificado dentro dessa tradição já que é justamente a perversão da pulsão que possibilita a sublimação. Se é justamente nesta que há a possibilidade de construção de elementos civilizados e valorizados, é no fundamento perverso que há a possibilidade de criação da civilização. Há, assim, outra carga semântica ao termo perversão. Embora na teoria seja tomada como uma das três estruturas clínicas o que Freud propõe como perversidade do desejo é a sua iniquidade com qualquer fim biologicamente determinado. Ele seria perverso em relação à natureza, a um objetivo natural e reprodutivo. Caberia a educação direcionar esses desejos perversos na construção de elementos valorizados culturalmente, uma vez que, por não terem fim definido, qualquer fim pulsional é possível, inclusive esses propostos pela educação.

A educação adquire importância justamente por possibilitar formas de sublimação. Assim não cabe à educação nenhum papel repressor mas sim a fomentação de um ambiente sublimatório. Isso se reflete em uma orientação pedagógica aos professores. Segundo Kupfer (2001) "(...) Freud (1913) escreve que os educadores precisam ser informados de que a tentativa de supressão das pulsões parciais não só é inútil como pode gerar efeitos como a neurose" (p. 44). A relação entre educação e repressão é segundo Freud, reflexo da própria civilização, (KUPFER, 2001). Uma sociedade excessivamente repressora gerará por consequência uma educação que reprime em igual medida.

A proposta que pode ser apreendida em Freud é que um excesso de repressão não significa um processo civilizatório mais efetivo (FREUD, 1929). Existem formas melhores de lidar com as pulsões sexuais, aquilo que a civilização busca reprimir por excelência pode ser sublimado. A esse processo a educação se apresenta como um aliado importante possibilitando processos subjetivos em consonância à caminhos sociais valorizados. Nesse sentido Milot (2001, p.43) faz uma ligação entre uma repressão sexual e o futuro educacional, ela escreve, "A repressão da sexualidade pela educação é excessiva quando atinge a curiosidade sexual infantil, ameaçando recalá-la e extinguir posteriormente a curiosidade intelectual que normalmente é a sua derivada". Dessa forma, a repressão excessiva se liga a uma inibição intelectual por parte da criança, uma vez que seria a sublimação desses interesses sexuais que incitariam o desenvolvimento da intelectualidade mais tarde.

A essa mudança a psicanálise pode ser uma aliada importante. Se ela desvela os mecanismos inconscientes que permeiam as construções humanas ela possibilita uma nova forma de estabelecer as relações educacionais que não de forma repressiva. Isso não significa que Freud proponha uma educação libertina. Se a civilização comporta de saída repressão cabe à educação propor um tanto desse mecanismo. Entretanto, quando a civilização é incapaz de fornecer aos sujeitos formas substitutivas de satisfazer as pulsões que eles foram obrigados a reprimir, a indissociação entre sujeito e civilização adquire um caráter destrutivo para a própria civilização, (FREUD, 1929).

Qual pode ser, entretanto, as possibilidades de a psicanálise ser um campo a fornecer elementos para se pensar a educação, se educar não é psicanalisar?

Se para se tornar um psicanalista há a necessidade de se passar por um processo de análise, qual seria a utilidade da psicanálise para a formação de um professor já que essa exigência se torna incongruente na medida em que uma análise não advém de uma obrigação institucional mas de um desejo pessoal? Nesse sentido obrigar os candidatos ao cargo de professor a passarem por uma análise seria inócuo se não fosse acompanhado de desejo. Essa questão gerou diversas querelas no âmbito do próprio movimento psicanalítico, (KUPFER, 2001). O papel do professor está intimamente ligado a aquilo que a psicanálise entende enquanto aprendizagem.

A aprendizagem em psicanálise é um processo afetivo, ou seja, o que se busca apreender quando psicanaliticamente se debruça sobre esse processo não são as estruturas cognitivas necessárias a aquisição de um determinado conhecimento, mas quais são os elementos afetivos envolvidos. Para Freud o desejo de saber que acompanha a criança na escola é uma transformação de um outro desejo primitivo nos sujeitos que é a investigação sobre a diferença anatômica entre os sexos, (KUPFER, 2001). Quando a criança se depara com esse enigma, ou seja, qual é o papel feminino e o masculino, ela é invadida pela angústia. Essa angústia, embora ligada aos sexos, se entrelaça com a possibilidade de perda que o sujeito é obrigado a encarar, já que aí incide a castração, ou seja, há uma ordem simbólica a se inserir, o sujeito já não é todo. É por esse motivo que ela é chamada de angústia de castração, (KUPFER, 2001). Essa angústia levará o infante aos questionamentos sexuais, que Freud chama de pulsão de saber, e que mais tarde será transformada em desejo de saber, ou seja, a criança ao questionar a distinção masculino/feminino tem o germe de questionar e apreender o mundo, (MILOT, 2001).

Essa vontade de saber, entretanto, não é pacífica. A criança se põe como ativa nesse processo. A psicanálise enquanto campo teórico que escancara aquilo que no processo civilizatório foi recalçado pode ajudar na sua compreensão. Assim, ao professor cabe compreender esse processo nas suas sutilezas. Isso não significa, como nos diz Kupfer (2001) “(...) aplaudir toda tentativa infantil de sair por aí decependo bichos. O que se pretende destacar é que o modo de lidar com isso depende da compreensão que se tenha desses atos.” (p. 82).

Esse aspecto afetivo presente na relação professor/aluno se liga primordialmente ao fenômeno da transferência. Freud descobriu a transferência na clínica psicanalítica mas sempre propôs que ela não se restringia a esse âmbito, estando presente em toda relação humana, (KUPFER, 2001). Isso significa que o processo educativo é um processo transferencial entre professor e aluno. Cabe ressaltar alguns pontos pertinentes a essa afirmação.

Se há transferência no processo de aprendizagem este é então na sua maior parte inconsciente. Quando Freud (1901, p.85) se pergunta o que seria a transferência ele propõe que

São reedições dos impulsos e fantasias despertadas e tornadas conscientes durante o desenvolvimento da análise e que trazem como singularidade característica a substituição de uma pessoa anterior pela pessoa do médico. Ou, para dizê-lo de outro modo: toda uma série de acontecimentos psíquicos ganha vida novamente, agora não mais como passado, mas como relação atual com a pessoa do médico.

O que é consciente na transferência não é o processo mas seus efeitos, ou seja, o sujeito não tem consciência de que está transferindo para quem quer que seja. O que Freud propõe é que o aluno coloca os professores e o saber no lugar transferencial, ou seja, há um deslocamento do interesse despertado pelas figuras parentais para o professor. Dessa forma é que acontecem durante a educação fenômenos que não podem ser descritos de forma consciente, como o interesse de um aluno específico por um determinado professor, (KUPFER, 2001). São os elementos transferenciais que não podem ser controlados ou enquadrados em nenhuma predição pedagógica. Explanando sobre esse ponto Kupfer (200, p.92) nos diz

(...) se o analisando ou o aluno dirigem-se ao analista ou ao professor atribuindo-lhe um sentido conferido pelo desejo, então essas figuras passarão a fazer parte de seu cenário inconsciente. Isso significa que o analista ou o professor, colhidos pela transferência, não são exteriores ao inconsciente do sujeito, mas o que quer que digam será escutado a partir desse lugar onde estão colocados. Sua fala deixa de ser inteiramente objetiva, mas é escutada através dessa especial posição que ocupa no inconsciente do sujeito.

Outro ponto a ser destacado é que a transferência é uma via de mão dupla, ou seja, não acontece somente em um lado da relação. O professor também transfere de forma inconsciente em relação a seus alunos elementos que não são a níveis conscientes. Isso significa que além do conteúdo das disciplinas

passadas pelo professor há aspectos afetivos que são passados e que compõe o processo de aprendizagem. Voltoni (2011, p. 23) diz, sobre esse assunto, que “Só na análise pessoal esse educador poderia atingir aquilo que o ultrapassa em suas melhores intenções conscientes, que afeta diretamente a criança e sua capacidade de aprender (...)”.

Se a educação trata, sobretudo, de aspectos inconscientes é nessa medida que se pode acompanhar Freud (1925) na assertiva de que a educação é impossível. A própria compreensão de inconsciente na psicanálise impõe um limite ao papel da educação. Se por um lado cabe ao professor possibilitar um ambiente propício à sublimação esta, por sua vez, não pode ser ensinada, (KUPFER, 2001). Se a civilização se faz acompanhar de um processo educacional há um limite às possibilidades de que esse processo se efetive. Há sempre um resto pulsional que nenhum processo repressivo consegue aplacar. Esse inassimilável à consciência marca o inconsciente freudiano. Como diz Kupfer (2001, p. 58)

A educação exerce seu poder através da palavra. Seus esforços concentram-se na tentativa de estimular, pelo discurso dirigido a consciência, os indivíduos a se conduzirem em uma direção por ela própria determinada. (...) No entanto, a realidade do inconsciente ensina, (...) que a palavra escapa ao falante.

Dessa forma, na educação estão presentes elementos dessa instância psíquica o que impede que a educação se efetive de forma completa. Isso não significa, porém, que não haja nenhuma forma de educação mas que qualquer programa educacional já está de saída, fadada ao fracasso, uma vez que o que é transmitido é muito maior do que aquilo que se pretende transmitir. É nesse sentido que a diferença entre impossibilidade e irrealizável, (KUPFER, 2001). Essa diferença aponta justamente para os limites que a educação possui sendo que, mesmo que claudicante ela se efetiva, uma vez que os sujeitos ainda estão ingressos numa ordem civilizatória. Voltoni (2011, p. 27) nos esclarece ao propor que “Todo aquele que se aventurar no campo educativo (...) terá que se confrontar mais cedo ou mais tarde com a decepção. Os resultados atingidos estarão sempre aquém daqueles imaginados no ponto de partida”. Ou seja, no final algo do processo educativo acontece, mas sempre surge algo do inesperado, do não planejado, que escapa a qualquer planejamento consciente.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não há assunto que se esgote no âmbito da psicanálise. Justamente por considerar que o próprio ato do interesse de estudo é permeado pela subjetividade já que é feito por um desvio dos interesses sexuais daquele que estuda, há sempre algo de novo a ser acrescentando. Assim, esse trabalho se pretende como mais uma contribuição a esse campo tão amplo, que é pensar os efeitos que o conceito de inconsciente pode propor ao campo educacional. Mantendo-se sempre em vista a particularidade de cada campo, pode-se pensar que este é profundamente abalado pelo primeiro assim como a própria educação, enquanto elemento cultural é de fundamental importância para o psicanalista e sua prática.

Freud jamais se furtou a se debruçar sobre os assuntos da cultura. Nesse sentido a própria psicanálise comporta em si a potência de poder pensar sobre eles. Estabelecer os limites e as possibilidades de qualquer articulação já é por si só, um ato de mudança, uma vez que distende as concepções estabelecidas e propõe novas formas de alcançar a prática. Isso se dá porque o sujeito da psicanálise é o que é constituído pelo outro. Nesse sentido, o estudo do inconsciente no diálogo da educação se faz possível na medida em que este se manifesta nos mais diferentes âmbitos culturais. Assim sendo, a divisão entre sujeito e outro se torna porosa, assim como a relação sujeito e civilização, como nos diz Birman (2001, p.12) “Não existiria então a oposição entre os registros do indivíduo e da sociedade, já que a subjetividade concebida pela psicanálise se articularia em ambas”. Ou seja, ao se debruçar sobre o indivíduo, o que está em questão é também questões relativas à sociedade e vice e versa. Dessa forma, portanto, é que pode-se, a partir do inconsciente se debruçar sobre o campo da educação sem, com isso, perder o rigor teórico e conceitual da psicanálise.

A teoria psicanalítica aponta para vários caminhos no que concerne à educação. Se as resistências á psicanálise dizem respeito ao estranhamento que ela causa ao trazer à tona forças ocultas que a civilização insiste em recalcar (FREUD, 1919) não é por acaso que as suas considerações sobre a educação ainda não tenham sido averiguadas com mais acuidade, ou tenham sido

interesses de políticas públicas. Isso não significa que não haja estudos tentando articular esses dois campos.

Entretanto, como nos diz Lajonquière (1999) o ideal de educação atual visa sempre o sucesso, a completude. Não é de se espantar, portanto, que a psicologia tenha sido sempre buscada para que a educação tenha seu intento satisfeito, (LAJONQUÉRE, 1999). Estando, porém, sempre fadada ao fracasso, não significando que nenhum ato educativo acontece, até porque os alunos aprendem matemática, história, filosofia... O que Freud aponta é que não há educação para o inconsciente. Como consequência, é possível dizer que não há parâmetro consciente para que um aluno aprenda mais história do que física, por exemplo.

Se o inconsciente freudiano é o que escapa a qualquer possibilidade de representação, ou seja, é aquilo que funciona a par da consciência e que tem sua lógica, isso significa que o sujeito não se iguala, nesse processo, à consciência. Pelo revés, o sujeito é justamente o efeito desses processos inconscientes que acontecem à sua revelia. Todo processo de educação encontra um limite, portanto, na possibilidade de socializar o que é do humano. A compreensão freudiana de educação vai entrar em contato com esse limite uma vez que o seu papel deve ser tomado levando-se em conta a radicalidade do conceito de inconsciente o que o levará a tensionar os limites dessa aproximação. Vale ressaltar que qualquer discussão que haja no âmbito da psicanálise em relação à educação não é uma discussão feita por Freud mas extraída de seus textos e proposições.

A impossibilidade, entretanto, não significa nem impotência nem desistência. Segundo Voltoni (2011, p.25) “De saída, adiantemos que a impossibilidade em questão não alude ao plano prático de execução de uma determinada proposta educativa, sendo de caráter lógico, (...). Impossível não quer dizer inexecutável apontando antes para um inalcançável estrutural”. Nesse sentido qualquer processo educativo encontra de saída, fadado ao fracasso. Isso não quer dizer que não aconteça nenhuma educação, mas que esta tem que lidar com um processo que acontece fora do campo da intencionalidade e que se deve justamente ao inconsciente.

O inconsciente não se revela da mesma forma que um pensamento consciente. É sempre necessário extraí-lo dos mais diversos fenômenos humanos. Ao debruçar-se sobre a educação intentamos buscar nesse campo a possibilidade de pensar quais são efeitos para a prática pedagógica da existência do inconsciente, que atravessa o professor, o aluno e a própria prática. Não quisemos, com isso, estabelecer um caminho prático, um manual psicanalítico para melhor educar, mas problematizar e incitar questões em quem interessar sobre essa articulação tão rica, ao mesmo tempo necessária, uma vez que coloca em xeque as intenções modernas de educação.

A partir dos limites e possibilidades que podem ser apreendidos da relação entre psicanálise e educação, essa ainda conserva um imenso potencial ao campo educativo. Se a psicanálise lida com o individual não cabe a ela propor técnicas fechadas, precisas de intervenção educacional, mas possibilitar ao professor compreender os processos subjacentes à aprendizagem cabendo a ele a melhor utilização da teoria na sua prática cotidiana e particular. No dizer de Kupfer (2001) “O encontro entre o que foi ensinado e a subjetividade de cada um é que torna possível o pensamento renovado, a criação, a geração de novos conhecimentos.” (p. 98).

5- REFERÊNCIAS

BIRMAN, Joel. Subjetividade, contemporaneidade e educação. In. CANDAU, Vera M. **Cultura, linguagem e subjetividade no ensinar e aprender**. 2ª.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

FREUD, Sigmund. **A interpretação dos sonhos**. Edição Standard Vol. III. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1900

_____. **Um caso de histeria**. Edição Standard Vol. VII. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1901.

_____. **Alguns comentários sobre o conceito de inconsciente na psicanálise**. Edição Standard Vol. XII. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1912.

_____. **O estranho**. Edição Standard Vol. XVIII. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1919.

_____. **Mal-estar na civilização**. Edição Standard Vol. XXI. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1929.

_____. **Um estudo autobiográfico** Edição Standard Vol. XX. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1925.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Freud e o Inconsciente**. 23.ed. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1984.

_____. **Introdução à metapsicologia freudiana**- 7.ed. Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

KUPFER, Maria C. **Freud e a educação: o mestre do impossível**. 3ª edição. São Paulo: Editora Scipione, 2001.

LAJONQUIÈRE, Leandro de. **Infância e Ilusão (psico)Pedagógica**. Petrópolis: Editora Vozes, 1999

MILOT, Catherine. **Freud antipedagogo**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2001

ROUDINESCO, Elizabeth. **Freud – na sua época e em nosso tempo**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2016

VOLTONI, Rinaldo. **Educação e Psicanálise**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2011.

ZIZEK, Slavoj. **Como Ler Lacan**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2006.